



Patriarcado, memória e reelaboração nos processos com a natureza: uma reflexão teórica

Thauana Paiva de Souza Gomes¹
Dulce Consuelo Andreatta Whitaker^{2†}
Vera Lucia Silveira Botta Ferrante¹

Resumo: O presente trabalho é parte de estudos desenvolvidos no doutorado, no qual procurou refletir teoricamente, como um grupo de mulheres do Assentamento Monte Alegre em Araraquara/SP, produtoras de plantas medicinais e temperos se insere na estrutura da racionalidade econômica e no pensamento dualista (desenvolvimento econômico X conservação da natureza, dominação masculina X emancipação feminina, medicina convencional X medicina tradicional), impactando negativamente nas relações humanas e ambientais. Neste contexto, destaca-se a lógica capitalista que homogeneiza a produção agrícola, degradando ambientes biodiversos e resultando no aumento de pragas e uso de venenos. Defende-se a Agroecologia como ciência que valoriza a sabedoria popular e tradicional, propondo um novo paradigma para a natureza e conservação ambiental, e o importante papel das mulheres na preservação da biodiversidade, valorizando a memória e o patrimônio local como formas de conservação cultural e ambiental. Finalmente, aborda-se a importância da patrimonialidade na proteção de conhecimentos milenares e áreas ambientais.

Palavras-chave: Ervas medicinais; Assentamento; Mulheres; Patrimônio; Relações de poder.

Patriarchy, memory and reworking in processes with nature: a theoretical reflection

Abstract: This work is part of studies developed in the doctorate, in which I sought to reflect theoretically on how a group of women from the Monte Alegre Settlement in Araraquara/SP, producers of medicinal plants and spices, fit into the structure of economic rationality and dualistic thinking (economic development X nature conservation, male domination X female emancipation, conventional medicine X traditional medicine), negatively impacting human and environmental relations. In this context, the capitalist logic that homogenizes agricultural production stands out, degrading biodiverse environments and resulting in the increase of pests and the use of poisons. Agroecology is defended as a science that values popular and traditional wisdom, proposing a new paradigm for nature and environmental conservation, and the important role of women in the preservation of biodiversity, valuing memory and local heritage as forms of cultural and environmental conservation. Finally, the importance of patrimoniality in the protection of ancient knowledge and environmental areas is addressed.

Keywords: Medicinal herbs; Settlement; Women; Heritage; Power relations.

¹Universidade de Araraquara-UNIARA, Brasil. *Autora correspondente: thauanap@email.com.br

²Universidade de Araraquara-UNIARA, Brasil. *In memoriam*

Introdução

Além da poluição atmosférica, nossa saúde também é ameaçada pela água e pelos alimentos, uma e outros contaminados por uma grande variedade de produtos químicos tóxicos. Nos Estados Unidos, aditivos alimentares sintéticos, pesticidas, agrotóxicos, plásticos e outros produtos químicos são comercializados numa proporção atualmente avaliada em mais de mil novos compostos químicos por ano. Assim, o envenenamento químico passa a fazer parte, cada vez mais, de nossa vida. Além disso, as ameaças à nossa saúde através da poluição do ar, da água e dos alimentos constituem meros efeitos diretos e óbvios da tecnologia humana sobre o meio ambiente natural (CAPRA, 1982).

Busca-se neste trabalho apresentar uma discussão teórica com uma interface de campo com um grupo de mulheres assentadas do Assentamento Monte Alegre- Araraquara/SP produtoras de plantas medicinais e temperos, para refletir como a racionalidade econômica e a estrutura de pensamento baseada em relações duais como desenvolvimento econômico X conservação da natureza, dominação masculina X emancipação feminina, medicina convencional X medicina tradicional, entre tantos outros pares de opostos, tem levado a sociedade a um colapso, em que tanto as relações humanas como as ambientais têm sofrido impactos irreversíveis, no que se refere a um mundo mais humano e ambientalmente saudável.

Nestes termos, destacar-se-á como a lógica capitalista tem conduzido a produção agrícola para patamares cada vez mais homogêneos e concentrados, levando à degradação de ambientes mais conservados e biodiversos do mundo. E, como consequência, há altos índices de veneno aplicados aos alimentos e lavouras pelo aumento da proliferação de pragas, insetos, doenças, fungos, bactérias, proliferação esta decorrente da perda de ambientes naturais, que se equilibravam pelo controle ecológico de tais agentes.

Posteriormente, mostrar-se-á a importância da Agroecologia, como ciência capaz de trazer um pensamento renovador para a comunidade científica, no sentido de valorização da sabedoria popular, tradicional e milenar, e aprendizado científico como forma de um novo paradigma para se pensar a natureza, a vida e conservação ambiental.

Nesta linha, será destacada a importância do conhecimento dos povos, especialmente das mulheres, ligados diretamente à natureza e a ambientes agrícolas, como responsáveis em manterem ou conservarem as áreas mais biodiversas do planeta, mostrando a importância da memória e da valorização dos patrimônios locais como forma não apenas de conservação cultural, mas também na materialização e proteção natural de muitos locais no mundo.

Por fim, será discutido como o conceito de patrimonialidade e sua execução nas ações imateriais e materiais têm favorecido a proteção e conservação, não apenas de conhecimentos milenares, mas também de áreas ambientalmente relevantes.

Racionalidade econômica, degradação ambiental e a agroecologia

A racionalidade econômica instaurada na Modernidade capitalista expressa um modo de produção fundamentado no consumo destrutivo da natureza e das próprias condições da vida no planeta (LEFF, 2009), fato resultante do processo de espoliação, exploração e apropriação dos recursos naturais dos países colonizados tropicais. Por consequência imediata, temos a destruição da base dos recursos naturais e culturais destes países pobres. Os efeitos, ainda mais duradouros, decorrente deste processo ocasionam a destruição do potencial produtivo dos países subdesenvolvidos devido à:

[...] introdução de padrões tecnológicos inapropriados; também pela introdução de ritmos de extração e pela difusão de modelos sociais de consumo que geram um processo de degradação de seus ecossistemas, de erosão de seus solos, de esgotamento de seus recursos e de extermínio de suas culturas (LEFF, 2009, p. 28).

Desta maneira, o desenvolvimento rural destes países passa a se caracterizar por marcadas diferenças na organização produtiva, em que há um amplo desaparecimento do setor de subsistência, provocando a subutilização do potencial dos recursos naturais e culturais, ao lado de uma crescente e moderna racionalidade empresarial agrícola, tendo como resultado ainda mais crítico a diminuição da diversidade biótica dos ecossistemas, a partir da uniformização dos cultivos, e, por consequência, das variedades genéticas e degradação progressiva da produtividade dos solos (LEFF, 2009).

Esse é um processo que se reafirma nos quadros de formação de profissionais para atuação no meio rural, especialmente nos países pobres explorados, nos quais a orientação técnica, utilizada por grande parte dos profissionais graduados nas universidades, refere-se à linha de pensamento da Revolução Verde e do *agrobusiness*, com o uso intensivo de agroquímicos, mecanização intensiva, utilização de sementes híbridas e transgênicas. Tudo isso resultou nos elevados custos de produção e dependência financeira dos produtores aos financiamentos bancários, inviabilizando, portanto, em muitos casos, ou melhor, em sua maioria, agricultores familiares e seus sistemas de produção (FERRANTE *et al.*, 2014).

Assim, a forma de crescimento econômico adotada pelos países subdesenvolvidos surge das necessidades de expansão do sistema capitalista

(especialmente imposta pelos países desenvolvidos), o que favoreceu a introdução de padrões tecnológicos e maneiras de usos e ritmos de exploração dos recursos que provocam o aniquilamento e/ou bloqueio do “[...] florescimento de outras formas de organização social capazes de gerar um processo sustentável de produção e um maior bem-estar para estes povos” (LEFF, 2009, p. 53). Esta agricultura convencional orientada pela Revolução Verde, fundamentalmente consumista, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) - para aumentar a produção de culturas agrícolas, não considera as consequências posteriores sobre o ambiente. Isso se aplica ao cultivo intensivo, à prática da monocultura, ao controle químico de pragas e ervas daninhas³, ao uso intensivo de água de poços profundos para a agricultura e à manipulação genética, entre outras práticas da agricultura moderna (GOMES, 2016).

Frente a esta situação, pensar um novo paradigma mais sustentável depende especialmente de uma mudança estrutural e atitudinal, que envolva um pensamento cultural, econômico e social aliado ao meio ambiente de maneira mais harmônica. Segundo Leff (2009, p. 54):

[...] a satisfação das necessidades básicas da população está associada a padrões de aproveitamento dos recursos, seus processos de produção e formas de consumo. Isto, por sua vez, depende de uma estratégia de desenvolvimento sustentável e duradouro, capaz de promover atividades produtivas que permitam um aproveitamento ecologicamente racional dos recursos naturais, reduzindo os custos ecológicos mediante a utilização de fontes renováveis de recursos energéticos, como a radiação solar, e potencializando processos naturais altamente eficientes de produção de recursos bióticos, como o fenômeno fotossintético. Estas funções naturais poderão ser incrementadas mediante o resgate de saberes tradicionais e a aplicação dos avanços da ciência e da tecnologia moderna.

Esta orientação dos sistemas produtivos no que se refere aos princípios agroecológicos é um confluente com a agricultura familiar, já que se prescinde do uso de agroquímicos, de variedades híbridas e transgênicas, substituídas por sementes crioulas, produzindo um alimento de maior valor biológico e isento de agrotóxicos, saudável e apropriado às políticas públicas nacionais de segurança alimentar dos países subdesenvolvidos. Esse direcionamento concebe maior retorno econômico aos agricultores familiares pelo fato de, por

³Vale dizer que o termo “ervas daninhas” é utilizado para definir uma planta que nasce espontaneamente em local e momento indesejados na produção agrícola convencional, mas que não é necessariamente danosa ao ambiente ou ao local onde surgiu, até porque é “sinal” do ecossistema original tentando se restabelecer.

um lado, não prever/evitar os custos com agroquímicos, e, por outro, por não levar à perda de Conhecimentos e saberes agroecológicas (GOMES, 2016).

Isso é facilmente compreendido quando entendemos o objetivo essencial da agroecologia, o qual procura satisfazer os requisitos nutricionais e outras necessidades humanas do presente e das futuras gerações, aumentando a produtividade e a capacidade, com base na regeneração de recursos naturais.

Tomando como base o pensamento de Altieri (1987), especialmente em seu livro "*Agroecologia a dinâmica produtiva com a agricultura sustentável base da compreensão o conceito de agroecologia*", a agroecologia se apropria dos princípios da ecologia essenciais para o estudo e tratamento de ecossistemas, tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, que também se associam aos saberes culturalmente estabelecidos pelas comunidades locais, que sejam socialmente justos e economicamente viáveis.

A agroecologia oferece elementos metodológicos para compreender, de maneira mais aprofundada, os componentes da natureza dos agroecossistemas, seus princípios e como estes funcionam. Em outras palavras, a agroecologia é uma nova abordagem que busca integrar os "[...] princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas, e à sociedade como um todo" (ALTIERI, 2000, p. 23). Além disso, neste paradigma, o ponto de partida é os agroecossistemas, o que permite ultrapassar a visão unidimensional das ciências ocidentais e fragmentadas, para propor a inclusão das dimensões ecológicas, sociais e culturais.

A preocupação desta ciência multidimensional não se estabelece apenas na luta contra pragas, doenças, recuperação/proteção do solo, mas essencialmente em garantir a força e a resiliência do agroecossistema. Por exemplo, se a causa dos problemas do sistema (doença, pragas, degradação do solo) for entendida como desequilíbrio, a solução para resolvê-los é o tratamento natural. Este tratamento e recuperação, por sua vez, são orientados por um conjunto de princípios de preservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas, justamente para produzir autorregulação e sustentabilidade (ALTIERI, 2000).

Por isso, a Agroecologia sustenta que, quando a biodiversidade é restituída aos agroecossistemas, as numerosas e complexas interações passam a estabelecer uma harmonia entre o solo, as plantas e os animais, resultando em efeitos benéficos. Na proposta agroecológica, priorizam-se métodos participativos e interativos na relação com as comunidades rurais, para se analisar as distintas realidades produtivas, identificando os problemas centrais que afetam o setor, buscando alternativas à sua superação, na perspectiva da consecução da sustentabilidade da atividade agrícola em suas distintas dimensões (GOMES, 2016).

Sob este aspecto, o processo de valorização do conhecimento das mulheres de povos indígenas, tradicionais e agrícolas é parte essencial para superação das práticas convencionais de cultivo, já que é a partir da relação com a comunidade que se resgatam práticas sustentáveis e preservacionistas, ou ainda, que se reeducam os produtores para uma visão mais holística e agroecológica da natureza.

Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 19) defendem que os povos tradicionais, indígenas, originários ou populações agrícolas possuem o que eles chamam de “memória biocultural”, um acúmulo de memória histórica de conhecimentos da natureza que remonta há 200 mil anos, que representa lugares de morada ou “ecossistemas antropizados nos quais se localizam as áreas ambientalmente conservadas e razão pelas quais muitas delas têm sido destinadas à criação de unidades de conservação”.

Para entender a íntima relação entre as práticas agroecológicas e a percepção orgânica com a terra e a natureza das populações tradicionais e agrícolas - essencialmente das mulheres pelo cuidado da família -, é preciso que entendamos a memória histórica acumulada da biodiversidade e dos recursos naturais que estes grupos detêm. Em outras palavras, representam um patrimônio da humanidade e da vida que está se diluindo ou se perdendo, em alguns casos, por conta dos constrangimentos impostos pelo conhecimento cartesiano e produtivista (GOMES, 2016).

Memória, desenraizamento e reelaboração nos processos da natureza

O partilhamento da memória, no presente, como visto anteriormente, permite trocas de conhecimentos muitas vezes desenvolvidos individualmente e que podem ser perdidos se não houver o processo de troca.

A memória também permite que os indivíduos se lembrem de eventos passados e ajuda a compreender o presente, fornece elementos para o planejamento do futuro e serve para reconstruir eventos similares, ocorridos anteriormente, e até mesmo os inesperados, surpreendentes ou mesmo improváveis (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Esta memória, por sua vez, vai permitir revelar relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza ao longo de sua existência.

Leff (2009), ao empreender um estudo da mediação da cultura e dos processos ecológicos, discute como toda formação social desenvolve-se com seu entorno natural, no qual se criam conjuntos de constructos simbólicos que conectam a memória, a cultura e o meio. Assim, podemos dizer que a transformação dos ecossistemas e racionalidade dos recursos naturais está sempre condicionada por práticas culturais de aproveitamento dos recursos que medeiam as relações entre processos históricos e ecológicos.

Neste processo de transformação dos ecossistemas, a íntima relação com o meio o transforma em lugar de vida e lugar de morada, carregado de símbolos, códigos e memória. O lugar deixa de ser espaço na medida em que os membros de um grupo passam a desenvolver relações de pertencimento e empoderamento com os elementos naturais (TUAN, 1980; MARTINS, 2009; GOMES, 2011).

Se buscarmos, no processo histórico, as relações de modernização, conquista, colonização e integração dos mercados locais aos mundiais, iremos nos deparar com a interrupção do projeto civilizador das culturas pré-capitalistas, camponesas ou tradicionais. No sentido de interrupção do processo de coevolução etnoecológica, dentro das mais variadas condições no seu entorno geográfico e ecológico, ou, em outras palavras, “[...] a natureza como fonte de simbolização e significação da vida, suporte e potencial da riqueza material e espiritual dos povos” (LEFF, 2009, p. 98), perde sentido à medida que ocorre o avanço das tecnologias no campo interrompendo assim esse ciclo natural e simbiótico de povos tradicionais, indígenas, agrícolas e a natureza. Tal fato ocorre porque os elementos da natureza deixam de ser vistos como parte essencial da vida para transformar-se em matérias-primas desvalorizadas, que alimentarão a acumulação de capital em escala global (GOMES, 2016).

É importante destacar ainda, em alguns casos, a força com que os processos de utilização dos agroquímicos chega aos assentamentos, promovendo constrangimentos às formas tradicionais de usos da terra, o que, leva os assentados e assentadas a esquecerem da relação anterior com o meio, acreditando nos processos que a Revolução Verde traz como saber dominante, já que é responsável pela expansão de um pacote tecnológico composto por sementes melhoradas, mecanização, insumos químicos e biológicos, que viabilizam a modernização agropecuária, aumentando a produção por meio da padronização em bases industriais. Além disso, o discurso da produtividade e lucratividade coloca em xeque a relação direta com a natureza das culturas tradicionais ou agrícolas (LEFF, 2009).

Em decorrência do avanço da agricultura industrial e dos mercados, restam aos produtores, agricultores locais, populações indígenas e tradicionais a degradação ecológica de seus ambientes, a desintegração social e o desenraizamento. A prática implantada pela Revolução Verde, nestas culturas tradicionais e agrícolas, leva à utilização de insumos do pacote da agricultura convencional e, por consequência, ao esquecimento, mesmo que temporário, já que, para a memória se fortalecer, é necessária a utilização constante dos saberes patrimoniais imateriais/ ambientais. Isso implica perda de práticas sustentáveis da vinculação com a cultura tradicional e da própria permanência dos grupos nos lugares de vida de maior pertencimento.

A mulher assentada, neste cenário, diante de suas práticas produtivas, seja no embolado dos quintais, seja nas hortas ou pomares biodiversos, resiste sob a justificativa de sua produção ou trabalho serem considerados não monetários e, portanto, sem preocupação com o grande capital. É nestes ambientes que encontramos materializados os saberes e práticas, conservando, assim, a diversidade de espécies, plantas, hábitos culturais e seus usos, que, ao serem ressignificados, são mantidos ao longo das gerações, protegendo, assim, um patrimônio cultural e ambiental incalculável.

Patrimônio no processo de valorização dos saberes tradicionais ligados às ervas medicinais

Para compreensão da importância do levantamento e estudo das práticas e saberes tradicionais das assentadas envolvidas no projeto de processamento das ervas medicinais, é preciso compreender que entendemos como “saberes e práticas” aquilo que o IPHAN tem designado como patrimônio imaterial. Quando os indivíduos passam pelo processo de sair de suas origens e chegar a um novo lugar, ocorre uma sensação de contínuo deslocamento, que pode ser chamada de desterritorialização dos processos simbólicos (GOMES, 2011, 2015).

Considera-se que esses saberes são e devem ser dinâmicos, para terem sentido para as novas gerações. E é por meio da valorização desse patrimônio, nos ambientes coletivos e de aprendizagem, que eles podem ser renovados e conservados (GOMES, 2011, 2015).

Assim, a cultura popular não pode ser entendida apenas como “expressão” da personalidade de um povo, justamente porque tal personalidade não existe como uma entidade, mas como um produto da integração das relações sociais; tampouco pode ser entendida como um conjunto de tradições ou essências, preservadas de modo puro (GOMES, 2011). Ao contrário, a cultura surge a partir das condições materiais de vida e, nas classes populares, estão intimamente atreladas às manifestações, as crenças, as festas ligadas ao cotidiano e ao trabalho diário ao qual se entregam, a quase todo momento, se atrelam às relações da vida com a natureza. Nesta perspectiva, encontram-se também as práticas agrícolas dos produtores rurais. Em outras palavras,

[...] as culturas populares são resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, que realizam uma elaboração específica das suas condições de vida através de uma interação conflitiva com setores hegemônicos (CANCLINI, 1982, p. 44.).

De tal modo, Thompson (1998) destaca que os saberes que as populações tradicionais possuíam contemplavam e ainda contemplam um universo de técnicas, mitos, lendas, conhecimentos de ervas medicinais, curas e até o

domínio da relação entre o cosmos e o cultivo da agricultura, que foi sendo substituído pelo conhecimento “oficial hegemônico”, que reduz o ato do cultivo a uma prática mecanizada, monocultural e simples para se adequar às máquinas, aos inseticidas e às tecnologias.

É ainda importante salientar que a patrimonialidade, materialidade/imaterialidade são definições modernas, mas tiveram sua origem nos séculos XVIII e XIX associadas à ideia de patrimônio cultural. A ideia inicial de patrimônio cultural estava imbricada às identidades sociais, ou melhor, primeiro, às políticas de Estado Nacional, que tinham a intenção de criar um espírito nacional e, em seguida, ao questionamento do quadro de defesa da diversidade, ou seja, àquilo que era representativo à nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão (PELLEGRINI; FUNARI, 2008; GOMES, 2011).

O movimento de valorização das culturas, iniciado com os aspectos materiais, passou, aos poucos, a se expandir para as manifestações intangíveis e de grupos sociais. O conceito de patrimônio, na atualidade, surge na década de 30, quando alguns estudiosos, preocupados com o crescimento desenfreado das áreas urbanas, deram-se conta da urgência de refletir sobre as mudanças que estavam acontecendo no mundo todo (PELLEGRINI; FUNARI, 2008; GOMES, 2011).

Atualmente, a UNESCO (2003, 2010) trabalha com a concepção de que proteger a memória através do meio físico é um consenso, mas, segundo essa instituição, não apenas de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo, assim como o patrimônio intangível passou a ser descrito como:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003, p. 1).

Para Pacheco (2006, p. 41), esses bens imateriais resistem justamente porque “existe um sistema de educação informal, e em alguns casos presentes, tanto no currículo formal, quanto informal das escolas, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza”. Para que essa tradição seja registrada por escrito, é necessário primeiro potencializar a rede de transmissão oral e seus atores, possibilitando um vínculo e reconhecimento entre as gerações e nos sistemas formais de ensino e aprendizagem.

No caso das populações assentadas, o processo de desenraizamento constante leva, ao mesmo tempo, a uma desconexão de suas práticas originárias da vida cotidiana com seu patrimônio imaterial, pelos inúmeros processos de

acampamento, despejo e transferência para outros locais. No entanto, “[...] ao iniciar uma trajetória de reconstituição de suas vidas, a partir do lote, em terras desconhecidas e, portanto, sem significação prática, simbólica ou afetiva, até então” (MARTINS, 2009, p. 24), reiniciam um processo de adaptação ao meio e aos recursos, fato que leva ao contato com a comunidade, ao reavivamento da memória e das práticas sustentáveis anteriormente utilizadas. Mesmo aqueles que vêm da cidade passam a adquirir, pelo contato com o outro ou pela sua própria experiência, relação com a terra. Desta forma, os saberes da memória ressignificam a cultura em patrimônio imaterial.

Assim, percebemos que a chegada à terra conquistada é parte de um processo cheio de rupturas e descontinuidades, e as convicções dos que chegam, seus conhecimentos e saberes, passam a ser replanejados e resgatados nesse novo ambiente. Nesse sentido, a percepção do espaço é fundamental, já que se estrutura à medida em que as terras conquistadas pelos assentados vão se constituindo como espaço do lote, quando, então, passa a ser estabelecida uma relação afetiva com o lugar. Nessa perspectiva, Martins (2009) e Gomes (2011) completam a ideia enfatizando que o espaço torna-se lugar no curso da vida, ou mundo vivido no cenário do cotidiano. E é justamente no:

[...] cenário do cotidiano que as relações lúdicas e afetivas parecem e deixam-se realizar. O lugar constitui de fato, quando os assentados atribuem relações simbólicas e lembranças a ele. E os saberes podem ser captados a partir de atos de trocas que acontecem mediante a composição do lugar do assentamento. Por esse motivo que o assentamento é privilegiado para o estudo dos saberes sustentáveis pois foram se reconstituindo a partir de um novo território, com uma carga de saberes, fazeres e técnicas que já eram carregados de história de diferentes partes do Brasil e que se encontraram neste ambiente num processo de hibridismo e resgate (GOMES, 2011, p. 33).

Por tudo isso, podemos dizer que a memória, quando utilizada, torna-se saber prático, e, quando compartilhada, um saber coletivo. O avanço das práticas de usos de veneno e todos os químicos, difundidos pela lógica convencional de mercado, leva estes agricultores e agricultoras a um processo de esquecimento e perda do empoderamento de sua vida, de sua relação de simbiose com a natureza, ficando, desta forma, dependentes das grandes empresas agrícolas internacionais.

Por isso, existe a importância e necessidade de espaços, de instrumentos legais, institucionais, comunitários para resgate, manutenção, valorização dos saberes e práticas dos povos e mulheres que são fontes de conservação não só de ambientes naturais, mas também da própria vida. E foi justamente o que

o projeto de ervas medicinais procurou propor às mulheres assentadas do Monte Alegre.

A descoberta do patrimônio imaterial esquecido e a valorização do saber não formal

A questão patrimonial presente neste trabalho parte do princípio, como vimos, de uma dimensão de valorização que se estabelece nos saberes de mulheres assentadas (saberes estes que vêm sendo registrado e estudado desde 2004 por meio de estudos científicos estabelecidos pela pesquisadora junto a NUPEDOR/ NEEA) e na tentativa de salvaguarda⁴, resgate e manutenção do patrimônio imaterial através do projeto de geração de trabalho e renda por meio de processamento de ervas medicinais.

Este patrimônio imaterial distingue-se em duas dimensões que valem ser destacadas, primeiros porque integra um saber intangível, e, segundo, porque pode ser considerada uma extensão do patrimônio material expresso por meio da conservação de espécies de plantas e práticas realizadas pelas mulheres que o exercitam.

No inventário realizado nos lotes das participantes do projeto, por exemplo, foi possível identificar essa materialização e amplitude da conservação de espécies e práticas que remontam tempos antigos. Como verificado na Figura 1.

Figura 1 - Diversificação das espécies em pequenos espaços.



Como o caso da participante Ana E., em um pequeno espaço da área destinada ao entorno da casa, encontramos um embolado de espécies que, juntas, representam equilíbrio e qualidade

⁴Palavra existente utilizada para determinação de elementos que designam a salvaguarda de patrimônios materiais ou intangíveis.

ecológica ao meio ambiente devido à sua biodiversidade. O destaque, no que se refere à utilização para práticas de saúde, é o hortelã, cujo chá das folhas, segundo ela, é “infalível contra os vermes”.

Essa mistura de ervas e biodiversidade pode ser considerada “[...] um dos conjuntos dos saberes mais ricos e mais difíceis de registrá-los como um todo, pois refere-se especialmente à experiência diária de cada assentado, através da observação e análise dos resultados cotidianos” (GOMES, 2015, p. 49). Também pode ser considerado o que representa, na agroecologia, o elemento mais importante: a biodiversidade. Além disso, no uso das ervas medicinais como métodos antipragas, fungicidas e medicinais curativos, encontramos nas mulheres a grande fonte de conhecimento.

Nesta Figura 2 abaixo, do mesmo quintal (da Figura anterior), podemos identificar outra árvore típica usada em muitas funções, de inseticida natural a remédios e alimentos:

Figura 2 - Árvore de canela - *Cinnamomum – verum*.



Fonte: Acervo da autora.

Em outro lote, também de uma titular idosa, pudemos verificar essa interação entre produção para o consumo/venda, para remédio e manutenção da biodiversidade. Enquanto se busca ensinar aos graduandos da área de produção de alimentos boas maneiras de uso do solo, conservação da natureza e produção saudável de alimentações, essas mulheres, com seu saber e prática diária, desenvolvem técnicas apuradas de cultivo e de produtividade através da associação entre plantas, como verificado na Figura 3 abaixo:

Figura 3 - Associação de plantas em áreas de hortaliças.

Fonte: Acervo da autora.

Sob a análise do conhecimento da importância desta relação entre a biodiversidade e as práticas ligadas ao conhecimento especificamente de ervas medicinais, registramos- ao longo destes anos de pesquisa- uma diversidade enorme de usos com correspondência na literatura científica e que foram discutidos⁵ em outros estudos, mas que serão retomados brevemente pela relevância do uso entre as mulheres do projeto de processamento.

As ervas são consideradas medicinais por suas propriedades são definidas, segundo a ANVISA, na normativa RDC N° 10 (2010, p. 1), como “[...] as plantas medicinais ou suas partes, que contenham as substâncias, ou classes de substâncias, responsáveis pela ação terapêutica, após processos de coleta ou colheita, estabilização e secagem, íntegras, rasuradas, trituradas ou pulverizadas”.

No levantamento dos usos e práticas pelas mulheres participantes desta pesquisa, foi possível identificar ao menos três maneiras diferentes de utilização das ervas, que podem ser identificados quanto: 1) Práticas ligadas à produção; 2) Práticas ligadas à criação e, por último, 3) Práticas ligadas à saúde.

⁵Ver Do veneno às borboletas do campo: um estudo dos saberes tradicionais agroecológicos em assentamentos de Reforma Agrária. Trabalho de Conclusão de Curso para Residência Agrária FEAGRI/ UNICAMP, Campinas, 2015.

Para cada item, descrevemos, abaixo, no Quadro 1 das práticas de usos sugeridas pelas entrevistadas, em contrapartida ao uso científico. Como será evidenciado, a utilização e seus fins são muito parecidos:

Quadro 1 - Usos das ervas medicinais ligadas à produção.

Prática tradicional de uso das ervas	Descrição científica
Plantar pimentas e alho ao longo dos canteiros da horta, segundo os assentados, favorece o sumiço de alguns insetos e pragas do canteiro.	Sugere-se calda de alho, pimenta e sabão como repelente de várias pragas ⁶ .
Plantar ervas como barreiras naturais, ou no meio dos canteiros das hortas, para repelir insetos.	Há uma quantidade enorme de informações ligadas a estas práticas, destacamos aquelas ervas que se encontram com mais frequência nos assentamentos: losna, utilizada para afastar animais por conta do odor parecido com os inseticidas; capuchinha serve como repelente de neomatóides que matam plantas e insetos; anis para combater traças; citronela serve como repelente de moscas, mosquitos e formigas; manjerição repele moscas e mosquitos; alfavaca afasta também moscas e mosquitos; alecrim afasta borboleta da couve e mosca da cenoura; hortelã repele lepidópteros, borboleta da couve e formigas; cheiro de mulata repele insetos voadores; tomilho: repele a borboleta da couve, brócolis e a couve flor; sálvia espanta a mariposa do repolho; coentro eficiente no controle de pulgões e ácaros.
Plantar Púrpura (flor) ao redor de plantações e hortas para evitar insetos e pragas, já que atraem para elas a atenção e a polinização de abelhas.	A afirmativa tem sentido pois, apesar de estudos científicos apresentarem apenas as relações medicinais para saúde humana, existem muitos artigos científicos que associam plantas e flores à produção hortaliça.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Gomes (2015, 2016).

Como podemos verificar, o consorciamento evidenciado pela imagem das ervas e hortifruticultura promovendo um ambiente altamente biodiverso remonta uma prática tradicional advinda de uma história muito mais antiga do que nos parece a princípio. E, como destacado por Toledo e Barrera Bassols (2015), é o que, de certa forma, tem permitido a permanência e adaptação da

⁶ Dado disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:koUIARYwkr4J:https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/133909/1/SDC191.pdf+8cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

espécie humana frente às inúmeras adversidades ocorridas no planeta. Na Figura 4 abaixo, pode-se verificar ainda como as flores são também utilizadas nos quintais e pomares ao redor das casas no assentamento: além de embelezamento, fazem um papel de atrair abelhas e permitir a reprodução e polinização de inúmeras espécies:

Figura 4 - Plantio de flores em ambientes ao redor da casa e pomares.



Fonte: T.C

A capacidade de observação, entendimento e aplicação dos princípios naturais evidencia essa relação cognitiva e sensitiva da natureza e dos ciclos naturais das mulheres que estão no campo em ligação direta com o meio ambiente.

Nesse empolado, há diferentes formas de equilíbrio biológico que permitem a estas espécies se manterem e resistirem ao longo dos anos. E, como Miles (1989) demonstra, esse papel apenas é possível pelo importante olhar da mulher e de sua função na projeção da permanência da própria espécie humana.

O segundo grupo registrado de saberes é o das utilizações de plantas medicinais que estão ligadas à criação, conforme registro do Quadro 2.

Quadro 2 - Usos das ervas destinadas à criação.

Prática tradicional de uso das ervas	Descrição científica
<p>A receita dada por uma assentada diz servir para curar rapidamente cortes expostos e salvar animais. A receita dada é a seguinte:</p> <p>Folha de mastruz (<i>Chenopodium Ambrosioides</i>)</p> <p>Folhas de Erva de Santa Maria (<i>Dysphania ambrosioides</i>)</p> <p>Folhas de Bálsamo (<i>Sedum dendroideu</i>)</p> <p>Amassar todas as folhas juntas para fazer um emplasto com o caldo. Colocar sobre a ferida ou bicheira e tampar com um pano.</p>	<p>A erva-de-santa-maria é conhecida pela ação anti-inflamatória e cicatrizante, as folhas têm propriedades de ativar a circulação, aceleram a regeneração muscular, agilizam o processo de desaparecimento de manchas roxas provenientes de pancadas e ainda serve como antisséptico⁷. O mastruz tem uma longa e ampla utilização como remédio para parasitas intestinais, sua eficácia é tão grande que foi reconhecida através da inclusão da planta na Farmacopeia dos Estados Unidos, de 1820 a 1947⁸. O bálsamo é utilizado para machucados, feridas, infecções, frieiras, queimaduras, úlceras, inflamações, entre outras utilizações.</p>
<p>Uso de folhas de nim/neem para repelir carrapatos, bicheiras de animais.</p>	<p>A azadiractina extraída da semente do Nim/ neem é um poderoso regulador do crescimento de insetos, inibe a alimentação e apresenta alta toxicidade, porém esse composto se degrada rapidamente por ser muito sensível à ação da luz e a variações de pH (GUERRINI; KRITICOS, 1998).⁹</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Gomes (2015, 2016).

Neste tópico, é interessante demonstrar que estes conhecimentos ligados ao saber feminino têm o papel ainda de evitar doenças ou morte de animais, a partir da apurada composição de elementos de ervas que, juntos, originam remédios milagrosos, quase mágicos, pela rapidez e efetividade que apresentam.

No último tópico, dos usos registrados para plantas medicinais, destaca-se a finalidade para saúde humana, este, sem dúvidas, com uma riqueza e amplitude incalculáveis. Dado o conhecimento apurado das relações e composições possíveis das ervas que não representam um conhecimento apenas local e contemporâneo, mas um acúmulo milenar que se ressignifica há milênios através de uma hibridação de culturas e transmissão oral, a academia

⁷Fonte: <http://www.asplantasmedicinas.com/planta-medicinal-mastruz-para-que-serve-e-beneficios.html>

⁸Fonte: <http://www.asplantasmedicinas.com/planta-medicinal-mastruz-para-que-serve-e-beneficios.html>

⁹Fonte: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/657159/uso-de-extratos-de-nim-azadirachta-indica-no-controle-do-carrapato-rhipicephalus-boophilus-microplus>

não reconhece tais usos devido à sua impossibilidade de registrá-los e estudá-los por completo. Desta maneira, tentamos apresentar, no Quadro 3, algumas das utilizações inventariadas no grupo de mulheres participantes do projeto de processamento.

Quadro 3 - Utilizações das ervas medicinais relacionadas a cuidados com a saúde humana.

Prática tradicional de uso das ervas	Descrição científica
<p>Chá da folha da canela (<i>Cinnamomum zeylanicum</i>): Usa-se para bronquite. Modo de preparo: secar as folhas na sombra e depois colocar a água para ferver e despejar sobre as folhas.</p>	<p>Essa especiaria melhora a regulação hormonal, ajuda na digestão, faz bem à circulação sanguínea, melhora a memória, ajuda a emagrecer¹⁰. Vale acrescentar que geralmente é difundido o uso do pau ou da canela em pó, mas as folhas também têm as mesmas propriedades.</p>
<p>Chá de cravo (<i>Dianthus caryophyllus</i>): O uso recorrente levantado pelas assentadas é de usar as folhas ou os cravos para fazer o chá contra gripe. Colher as folhas e os cravos, colocar na água fervente, esperar 10 minutos para tomar.</p>	<p>O cravo serve como Afrodisíaco, antisséptico, bactericida e digestivo repelente de insetos, sudorífico, tônico estomáquico e tônico estimulante. Ele é indicado especialmente para dor de dente, gases, higiene bucal, micose da unha, vermes e vias respiratórias¹¹.</p>
<p>Erva de Santa Maria - matruz ou erva formigueira (<i>Chenopodium ambrosioides</i>/<i>Dysphania ambrosioides</i>): Pratica-se o uso das folhas amassadas para colocar em cima de machucados, pancadas. Para vermes, deve ser feito um chá não concentrado das folhas.</p>	<p>O consumo é indicado nos tratamentos contra hemorroidas, tuberculose, vermes, angina, asma e úlceras de estômago. Além disso, por conter substâncias laxativas, é recomendado para prisão de ventre e gases, melhora a circulação e evita contusões e câimbras, acelera o processo de cicatrização e alivia micoses. Usado externamente, o chá ameniza a dor provocada por picada de insetos e combate parasitas como piolho e pulga¹².</p>



¹⁰Fonte: <http://www.treinomestre.com.br/os-beneficios-da-canela-receitas-de-cha-para-emagrecer/>

¹¹Fonte: <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/cravo-da-india.html#.VVFLkflViko#ixzz3ZsdywL1a>

¹²Fonte: <http://beneficiosnaturais.com.br/erva-de-santa-maria-beneficios-e-propriedades-do-seu-cha/>

<p>Chá de Alecrim (<i>Rosmarinus Officinalis</i>): Pratica-se o uso do chá de alecrim para beneficiar o coração. Ferver a água e colocar as folhas de alecrim.</p>	<p>O alecrim atua como anti-inflamatório, relaxante muscular, fortificante, cicatrizante, antisséptico e bactericida. A erva possui grande quantidade de substâncias antioxidantes, capazes de retardar o envelhecimento das células e eliminar toxinas de nosso organismo¹³.</p>
<p>Chá de picão branco (<i>Galinsoga parviflora</i>) Conhecido como chá para banho em crianças com icterícia. Colocar para ferver a água e acrescentar as folhas de picão branco. Banhar a criança durante o banho.</p>	<p>Usado chá para combater icterícia e hepatite, tanto para uso interno como para banhos, útil nos distúrbios menstruais; bactericida, antiviral, antifementativo; diabetes; diurético; antioxidante; hipoglicemiante; seca as secreções; hepatoprotetor; leucemias; anti-inflamatório, antiespasmódico; inibe a atividade tumoral; vermífugo; antiulceroso, controla a acidez estomacal e estimula a digestão e nos engurgitamentos das glândulas mamárias¹⁴</p>
<p>Chá de Estomalina (<i>Gymnanthemum amygdalinum</i>) Utiliza-se a estomalina para dores, úlceras e disfunções estomacais. Pode-se usar o chá das folhas ou amassar as folhas com água gelada e tomar.</p>	<p>Cura dor do estômago, má digestão e fígado¹⁵.</p>
<p>Chá de levanti (<i>Origanum Manjorona</i>): É utilizado como calmante. A prática de uso é o chá de água fervente com brotos da planta. Colocar os brotos na água, colocar um pano em cima depois de fervido, esperar 10 minutos e tomar.</p>	<p>Usado como Calmante, vermífugo, antiespasmódico e anti-helmíntico. Também é usada como aromatizante da cerveja¹⁶.</p>
<p>Suco de Noni (<i>Morinda citrifolia</i>): Usado pelos assentados para aliviar a dor nas juntas, diabetes, colesterol, além de prevenção de câncer. Para dor, fervem-se as folhas e banha-se o local. Para as outras doenças, bate-se a fruta do noni com suco de uva, depois cõa-se e está pronto para consumo.</p>	<p>Indicado para artrite, diabetes, dor nos olhos, hipertensão, infecções internas, malária, problemas da pele; afecções do coração; cefaleias; afecções digestivas e hepáticas; vermífugo. Essas características se atribuem às espécies importadas; o perfil fitoquímico das plantas cultivadas no Brasil ainda não foi totalmente testado e comprovado¹⁷.</p>



¹³Fonte: <http://belezaesauade.com/cha-de-alecrim/>

¹⁴Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/picao.html#.VVFSM_IViko#ixzz3Zskv13Cs

¹⁵Fonte: <http://www.emporiosabornatural.com.br/dicas.html>

¹⁶ Fonte: <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/levante.html#.VVFXvIViko#ixzz3ZsoEi9Uw>

¹⁷Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/noni.html#.VVFWH_IViko

<p>Água com Boldo (<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>): Pode-se fazer o chá das folhas ou amassá-las com água gelada. Utiliza-se para dor no estômago.</p>	<p>Usado para problemas digestivos, suores frios, mal-estar e problemas no fígado, como hepatite¹⁸.</p>
<p>Semente da Jaca (<i>Artocarpus integrifolia</i>): A semente da jaca é utilizada como afrodisíaco. A semente pode ser consumida torrada inteira ou em pó, inclusive como alimento.</p>	<p>Além de ser considerado um ótimo aperitivo, suas propriedades medicinais são antiasmática, antidiarreica, antitússica, cicatrizante e diurética¹⁹.</p>
<p>Chá de pitanga (<i>Eugenia uniflora</i>) com capim de pé de galinha (<i>Eleusine indica</i>): A mistura destas ervas na água fervente é usada para diminuir o fluxo da menstruação feminina. A forma de utilização do chá é o banho de assento.</p>	<p>Sem correspondência em estudos acadêmicos com esta composição de ervas, mas a utilização medicinal para pitanga é febres, afecções, hipertensão, calmante, anti-inflamatória, calmante, entre outras ações. Já o capim de pé de Galinha é utilizado no tratamento de bronquite, além de ser diurético²⁰.</p>
<p>Xarope de ervas O xarope é realizado para combate à gripe e males respiratórios. <u>Modo de preparo:</u> Colocar em uma panela: 2 ramos de alecrim (<i>Rosmarinos officinalis, L.</i>) 2 ramos de poejo (<i>Mentha Pulegium</i>) 2 galhos de hortelã (<i>Mentha piperita</i>) 1 galho de bálsamo (<i>Sedum dendroideum Moc.& Sessé ex DC.</i>) 1 limão cortado em cruz (<i>Citrus aurantifolia</i>) ½ xícara de chá de açúcar 1 copo de água Colocar o açúcar para dourar, acrescentar a água, as ervas e deixar ferver até ponto de xarope.</p>	<p>Sem correspondência em estudos científicos para esta composição de ervas. Nas referências da ANVISA.</p>



¹⁸ Fonte: <http://www.tuasaude.com/cha-de-boldo/>

¹⁹ Fonte: <http://www.remedio-caseiro.com/jaca-beneficios-e-propriedades/>

²⁰ Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/abb/v3n2sl/v3n2slal8.pdf>

<p>Xarope de ervas Para combater gripe. <u>Modo de preparo</u> A receita deve ser feita da seguinte forma: 3 folhas de canela (<i>Cinnamomum zeylanicum</i>) 3 folhas de cravo (<i>Dianthus caryophyllus</i>) 1 casca de cebola branca (<i>Allium cepa</i>) 4 folhas de guaco (<i>Mikania glomerata Spreng</i>) 1 xícara de açúcar dourado 2 ramos de poejo (<i>Mentha Pulegium</i>) 2 ramos de hortelã (<i>Mentha piperita</i>) 3 brotos de melissa (<i>Melissa officinalis</i>) Modo de preparo: Misturas todos os ingredientes com o açúcar dourado, colocar água e deixar ferver bem.</p>	<p>Não há estudos científicos diretamente ligados com esta composição de ervas, mas vale acrescentar que todas elas têm propriedades ligadas ao combate à gripe e baixa resistência, o que demonstra o conhecimento apurado de cada uma delas pelas mulheres que utilizam o xarope.</p>
<p>Xarope de cebola branca Utilizado para combater gripe e tosse. <u>Modo de preparo:</u> Meio limão cortado em quatro partes (<i>Citrus aurantifolia</i>) 2 dentes de alho (<i>Alium sativum L.</i>) 4 folhas de cebola branca (<i>Alium cepa L.</i>) Açúcar a gosto Dourar o açúcar e colocar as folhas com a água, deixar ferver bem.</p>	<p>Não há estudos científicos para esta composição de ervas, mas o limão é indicado nos estudos científicos para gargarejos para todos os tratamentos de todos os tipos de afecções do trato nasofaríngeo, bem como para laringites e gengivites. Inalado, puro ou diluído, é um bom desinfetante nas renites e sinusites²¹. O alho é indicado para atuar como expectorante, antisséptico, anti-inflamatório²². Por fim, a cebola branca é indicada para alívio no tratamento de tosses e resfriados, asma e bronquite. Mais uma vez, isso demonstra que as indicações científicas e fitoterápicas de plantas refletem os usos e práticas das mulheres que, entre um elemento e outro, desenvolvem uma composição de elementos eficazes contra doenças.</p>



²¹Fonte: <http://www.asbran.org.br/noticias.php?dsid=912>

²²Introdução à fitoterapia: utilizando adequadamente as plantas medicinais. Colombo: Herbarium Lab. Bot. Ltda, 2008

<p>Xarope de Jatobá (<i>Hymenaea courbaril</i> L.) Utilizado para combater tosse. <u>Modo de preparo</u> Colocar algumas cascas de jatobá - <i>Hymenaea courbaril</i> L.- e ferver com meio litro de água, acrescentando açúcar para dar ponto de xarope.</p>	<p>Segundo Ávila (2008), em Índice Terapêutico Fitoterápico, o Jatobá - <i>Hymenaea courbaril</i> L.- é indicado e utilizado como fungicida e bactericida, nas candidíases, descongestionante em bronquites, asma coqueluche, tosses, laringite, fraquezas pulmonares, entre outras utilizações. Mais uma vez, verifica-se uma indicação adequada do uso no conhecimento popular.</p>
<p>Banho de assento com farinha de mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz) e leite A mistura dos componentes é praticada como banho de assento para combater vermes.</p>	<p>Sem correspondência em estudos científicos. Nas referências da ANVISA.</p>
<p>Compressa de Flor de Flamboiã (<i>Delonix regia</i> Hook.) e Maravilha (<i>Mirabilis jalapa</i> L.) Utiliza-se a composição das flores para fazer compressa nos olhos para combate da conjuntivite.</p>	<p>Não há correspondência científica para composição das duas plantas, mas, segundo Ávila (2008), em Índice Terapêutico Fitoterápico, a maravilha é indicada como antimicrobiana e antiviral, bactericida e fungicida, o que se relaciona, de certa maneira, ao combate da conjuntivite.</p>
<p>Cocada para abrir o apetite Doce feito com ervas e leite de coco é usado como ativador do apetite, especialmente em crianças. <u>Modo de preparo:</u> 3 galhos de poejo (<i>Mentha Pulegium</i>) 4 galhos de hortelã (<i>Mentha piperita</i>) 4 folhas de mentrasto (<i>Ageratum conyzoides</i> L.Sieber) 1/2 litro de leite de coco Açúcar Colocar no forno até dar ponto de cocada.</p>	<p>Não existem estudos científicos ligados a esta composição de alimentos e ervas para abertura de apetite, no entanto, algumas destas ervas são consideradas antivermífugas, o que, de certa forma, pode contribuir para melhora intestinal e, por consequência, para a regulação da alimentação.</p>



<p>Chá de Moranguinho do mato (<i>Fragaria vesca var.</i>) e Macelinha (<i>Achyrocline satureoides</i>) Usa-se o chá para combate ao mal de Simoto <u>Modo de preparo:</u> 3 galhos de macelinha 3 galhos de moranguinhos Colocar na água quente os ramos, deixar tampado para as ervas reagirem com o calor.</p>	<p>Segundo Ávila (2008), o moranguinho do mato combate diarreias, afecções intestinais, gastrite, falta de apetite, entre outros. Neste ponto, podemos correlacionar ao combate do mal de Simoto. Já a Macelinha, também segundo o mesmo autor, possui indicações digestivas e estomacais, o que, de certa forma, pode aliviar as irritações e alergia causada pelo leite de vaca de leva ao mal de Simoto.</p>
<p>Chá de losna (<i>Artemisia Vulgaris, L.</i>) O chá é utilizado para doenças urinárias e combate a cólicas. Há uma prática de uso ligada ainda à diferenciação para homens e mulheres, sendo a branca para o sexo masculino e a verde para o feminino. <u>Modo de preparo:</u> 5 folhas da losna (<i>Artemisia Vulgaris, L.</i>) 1 copo de água fervida Colocar as folhas na água quente para reagir com as propriedades da losna.</p>	<p>Segundo Ávila (2008), em Índice Terapêutico Fitoterápico, a losna é indicada e utilizada para regular funções menstruais, fertilizantes, cólicas, dores reumáticas, inflamações intestinais, entre outras. Verifica-se, portanto, uma correlação direta entre a prática popular e científica para a erva.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir de trabalho de campo.

Conclusão

O conhecimento existente na mente destas mulheres expressa um repertório de saberes de um espaço e tempo de uma realidade que compõem uma bagagem cultural a qual se projeta a partir da coletividade na qual a agricultora está imersa (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Essa conservação, que se explicita em termos científicos torna o patrimônio um objeto de saber e de memória. Isso é algo essencialmente interessante, já que, se empoderado pela comunidade, pode gerar uma capacidade para atrair turismo e empresas de serviços interessadas neste patrimônio de alguma forma. Tal fato é conveniente, já que o grau de identificação coletiva com esses valores evidencia-se notadamente no voluntariado e na adesão a associações, grupos, cooperativas em defesa ao patrimônio (BENHAMOU, 2016).

Esse ponto, no que se refere a este trabalho, é estritamente importante, já que resultou em algumas ações efetivas de valorização do grupo de mulheres envolvidas no processamento, como as feiras científicas e eventos promovidos pelo SESC, nos quais elas se tornaram protagonistas do processo.

Da primeira fase até a fase de estruturação da equipe fixa das atividades do projeto, o processo de aquisição através dos cursos e das reuniões

representou ações de aprendizagem, amadurecimento e empoderamento do próprio conhecimento obtido e reelaborado nesta trajetória.

Sob este aspecto, Fey (1997) salienta que o valor educativo do patrimônio é um elo com a história e a arte que a frequência permite estabelecer. O patrimônio se associa a valores sociais, já que se torna um elemento de coesão, adesão e referência coletiva e cultural.

Portanto, as mulheres do Assentamento Monte Alegre, ao cultivarem plantas medicinais e temperos, não apenas se inserem em complexas estruturas de racionalidade econômica e em um pensamento dualista prejudicial, mas também emergem como agentes cruciais na construção de um novo paradigma. Ao defender a Agroecologia como uma ciência que valoriza o saber popular e tradicional, reafirma-se a necessidade de transcender a lógica capitalista homogeneizante que degrada ambientes e relações. A análise evidenciou que a sabedoria ancestral e o repertório cultural dessas agricultoras são um patrimônio vivo, essencial para a preservação da biodiversidade e a conservação ambiental e cultural, propondo um caminho alternativo à dominação e degradação. A valorização do conhecimento destas mulheres, explicitada pela patrimonialidade e pelo engajamento comunitário em ações como feiras científicas e eventos do SESC, não só as tornou protagonistas de seu próprio processo de empoderamento, mas também ressalta o potencial do patrimônio cultural como elemento de coesão social e atração para o desenvolvimento sustentável. O percurso de aprendizagem e amadurecimento vivenciado pelo grupo sublinha que o valor educativo do patrimônio é um elo inestimável com a história e a arte, solidificando os saberes tradicionais como referencial coletivo e cultural para as futuras gerações.

Referências

ALTIERI, M.A. **Agroecology**: the scientific basis of alternative agriculture. Boulder: Westview Press, 1987.

ALTIERI, M.A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

BENHAMOU, F. **Economia do Patrimônio Cultural**. São Paulo: Edições SESC, 2016.

CANCLINI, N. G., **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

FERRANTE, V.L.S. **Da invisibilidade ao protagonismo**: relações de gênero nos assentamentos, nos projetos de desenvolvimento sustentável e nos territórios da cidadania. Relatório técnico-científico, CNPq, 2014.

FREY, B. S. The evolution of cultural heritage: some critical essays, in economic perspectives on cultural heritage. In: **Hutter, Man Rizzo, I** (eds). New York, St Martin's Press, 1997.

GOMES, T. P. de S. **Saberes, Memórias e Tradição: Estudo em Assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara-SP.** In: XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011, Recife. Anais do XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011.

GOMES, T. P. de S. **O multiculturalismo, movimentos sociais e educação do campo.** In: VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2015, Campinas. Anais VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2015.

GOMES, T. P. de S. Doveneno às borboletas do campo: estudo de saberes agroecológicos em assentamentos de reforma agrária. **Retratos de Assentamentos Rurais**, v. 1, p. 1, 2016.

LEFF, E. **Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental.** Petrópolis. Vozes, 2009.

MARTINS, V.S. **Lugar de Morada: a constituição do viver de famílias rurais no contexto de assentamento da Reforma Agrária.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

PACHECO, L. **Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida.** Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PELEGRINI, S.C.A. e FUNARI, P.P. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

TOLEDO, V. M. e BASSOLS, N.B. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TUAN, Y. F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente.** Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>. Acesso em 25 set. 2024.